

O INCONSCIENTE EM D. W. WINNICOTT

Karla Ferraro¹

Ao longo dos anos, vários estudiosos procuraram respostas sobre o que significa o inconsciente para este brilhante autor. Como o próprio Winnicott gostava, proponho uma aproximação do conceito, que não está sistematizado na obra winnicottiana, sob a forma de um esboço, rabisco.

Em *Breakdown* (1963/1994)² o autor trata da questão de um colapso temido que é trazido como queixa clínica por muitos de nossos pacientes, um fracasso na organização das defesas que remete a um impensável altamente assustador. O ego precocemente organiza defesas contra este colapso, mas esta organização está sempre ameaçada, pois o ego necessita compensar, remendar um fracasso, na verdade na provisão ambiental, na medida que este foi vivenciado quando o sujeito ainda não tinha atingido a condição de indivíduo no processo de amadurecimento emocional, e não poderia sustentar no tempo e no espaço tal experiência, vivida como um fato improcessável:

Em outras palavras, o paciente tem que continuar procurando o detalhe do passado que ainda não foi experienciado, e esta busca assume a forma de uma procura deste detalhe futuro. (Winnicott, 1963/1994, p.73)

Então, partindo destas colocações, o autor traz questões relativas à sua forma pessoal de pensar o inconsciente. Refere que o paciente do colapso necessita saber que o medo que possui *já aconteceu*. Este é um fato que carrega consigo, escondido no inconsciente. Porém, não se trata exatamente do inconsciente reprimido da neurose, nem do inconsciente da formulação freudiana inicial bastante ligada ao funcionamento neurofisiológico. Não corrobora também a idéia de Jung sobre o inconsciente coletivo que integra todas as experiências primitivas e representações simbólicas que habitam cavernas subterrâneas do psiquismo individual, que são herdadas e constituem a mitologia do mundo. Neste caso, a noção de inconsciente diz da integração do ego que não é capaz de abranger algo que permanece externo e ameaçador. Nas palavras de Winnicott

¹ Psicóloga, Psicoterapeuta Especialista em Psicoterapia Psicanalítica de Adultos, Adolescentes e Crianças pela PUC/RS. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica da Infância e Adolescência pelo CIPT e Especialista em Psicanálise das Configurações Vinculares - Casal e Família - pelo CIPT. Professora e Supervisora do Contemporâneo - Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Endereço para correspondência: karlamferraro@terra.com.br

² Medo do Colapso. IN: Explorações Psicanalíticas D. W. Winnicott, 1994. Graña (2007) realiza uma oportuna aproximação entre Winnicott e Merleau-Ponty. Ambos referem a questão de uma terceira zona de experiência que se projeta entre o homem e os estímulos físico-químicos: os objetos de uso e os objetos culturais que proporcionam ao ser emergir em novos círculos de comportamento e interação.

(1963/1994): *O ego é imaturo demais para reunir todos os fenômenos dentro da área de onipotência pessoal.* (p.73)

Neste sentido, *lembrar* é a forma do paciente experienciar este passado pela primeira vez no presente da transferência. Este fragmento do passado é projetado no futuro e torna-se uma questão de aqui e agora na relação analítica. O equivalente do lembrar, é equiparável ao levantamento da repressão que ocorre na análise do paciente psiconeurótico (na análise freudiana clássica).

Segundo a formulação de Graña (2007):

Esta ação geradora de significados, que tem como instrumento o corpo, constitui e altera incessantemente o que Merleau-Ponty denominará, seguindo a Husserl (1913), de 'campo fenomenal', produto do encontro de uma materialidade indiferente como o sentido imanente em produção. (GRAÑA, 2007, p.215.)

Nesta perspectiva o ser humano identifica e habita uma terceira zona, alma e corpo deixam de distinguir-se. No Universo de fenômenos, constituintes do campo fenomenal, o inconsciente é compreendido como uma significação imprecisa, como o vivido não conhecido: *não é a outra cena, mas o outro lado*³.

Neste sentido concordamos que a conceituação de inconsciente utilizada por Winnicott (1963)⁴, pode ser considerada como vinda desta mesma fonte, mesmo que o autor não a tenha nomeado e não se considere um filósofo ou um erudito.

Buscando outras idéias a respeito da questão do inconsciente em Winnicott, Adam Phillips (2006) refere: *Winnicott, lidando, como sempre, com a terminologia psicanalítica, de forma peculiar, sugeriu que para o bebê haverá em primeiro lugar as necessidades do corpo, e estas gradualmente se tornam necessidades do ego á medida que uma psicologia emerge a partir da elaboração imaginativa da experiência física.* (p.176)

Segundo Phillips (2006) Winnicott não está propondo um conflito entre diferentes tipos de pulsões, mas uma mudança no tipo de necessidade, ou seja, da necessidade física à necessidade narcísica. Winnicott opunha-se as limitações das definições psicanalíticas tradicionais, e seu dialeto particular, por vezes confuso, poderia ser compreendido levando em conta a criatividade do leitor. Aqui, trata as necessidades do ego como uma elaboração imaginativa de parte da criança em relação às necessidades de seu desenvolvimento emocional. Assim, acreditava que a psicanálise nunca havia desvendado a conexão entre pulsões, de um lado, e a tendência de desenvolvimento do indivíduo, pois a tendência de desenvolvimento não seria constituída pelas pulsões, mas se utilizava delas, no contexto da relação mãe-bebê.

³ Graña (2007) refere em seu livro, *Origens de Winnicott*, segunda parte, estas questões como uma tese defendida por J.B. Pontalis (1967).

⁴ Citado anteriormente no texto.

Como nos alerta Winnicott (1956):

[...] a consistência do cuidado da mãe permite que a criança comece a existir, tendo experiências, construa um ego pessoal, dome pulsões e se defronte com todas as dificuldades inerentes à vida. Tudo isso é sentido como real pelo bebê que se torna capaz de ter um self. (p.)

Para finalizar, abrindo a discussão sobre o tema do inconsciente e parafraseando Winnicott: Primeiro o self, depois a pulsão.

REFERÊNCIAS

GRAÑA, Roberto B. **Origens de winnincott**: ascendentes, psicanalíticos e filosóficos de um pensamento original. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2007.